

BIBLIOTECAS EM CHAMAS: ENTRE O VERBO E O DESESPERO

Nome: NICOLÁS EDGARDO BALADO GONÇALVES:

e-mail: nicolas.bg20@gmail.com

Orientador: Sérgio Botton Barcellos

*Universidade Federal de Pelotas
Ufpel- sergiobbarcellos@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este espaço se destina a apresentação do tema do trabalho. O autor deve se preocupar em deixar evidente o assunto que será tratado, a área do conhecimento na qual o trabalho é realizado e apresentar a problematização que especifica o seu estudo.

No presente trabalho viso analisar ,sob viés sociológico, os incêndios a bibliotecas na França com a necessidade de expressar-se dos responsáveis por tais ataques, e o papel do livro – em contradição – como criador de oportunidades, mas também como um enclausurador de possibilidades em realidades periféricas.

Talvez haja outros modos de se pensar o incendiar de bibliotecas na França nos últimos quarenta anos sem estar firmemente aferrado a idéia de desespero. A literatura – incendiária – pode como prova o exemplo francês ser também incendiada. E ao contrário do que sempre se propagou dentro de quase todos os círculos intelectualizados, ademais de não ser emancipatória pode revelar-se excludente. O livro que antes – no imaginário social progressista - vinha revestido de um fetiche libertador, revela-se em uma de suas tantas facetas um julgador. Alguém que nega a identidade de determinado indivíduo e sociedade e lhe oferece apenas palavras que o mundo ao redor lhe demonstra não servirem pra nada.

Para fundamentar este trabalho as principais bases teóricas foram o sociólogo uruguaio Denis Merklen, que estudou essa realidade e a contou sob o ponto de vista de tais personagens, Pierre Bourdieu, Henri Lefevbre e David Harvey para compreender a relação das personas com as cidades que conformam.

O objetivo principal em analisar tais realidades é compreender o quê leva as classes populares a questionarem o papel do livro, o incendiar de carros – prática corriqueira francesa iniciada no maio francês – era um ataque direto as classes dominantes, aos detentores dos recursos materiais, as bibliotecas agora atacadas são bens publicos. A narrativa de pertencimento alcança aos que se sentem excluídos? Além disso o livro – ou o letramento – chega de que modo as classes menos abastadas? Quais seus símbolos?

Através da obra de MERKLEN, DENIS(2016) e as associações de sua pesquisa com outros autores, busco aqui jogar luz sobre uma realidade quase invisibilizada no campo da sociologia, mas também no meio acadêmico como um todo. O fenômenos dos carros e vidraças atacados foi amplamente difundido e pesquisado, mas muito pouco se sabe sobre o ataque a prédios públicos, que segundo o Estado, pertencem aos cidadãos. Há de se saber.

2. METODOLOGIA

A pesquisa para este trabalho teve caráter unicamente bibliográfico – segundo GIL, ANTÔNIO CARLOS(2002), pesquisa bibliográfica é: “ é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Foi fundamentada fortemente na obra do sociólogo uruguaio MERKLEN, DENIS(2016), o fenômeno por ele observado e muito pouco difundido no campo acadêmico, levantou diversas questões que o autor não pretendeu responder, e que agora me atrevo a enfrentar. Sua pesquisa etnográfica dialogou com os atores, os que vivem a realidade social, mas não fez muitas relações com outros autores, afinal, seu interesse era o de que novas perguntas surgissem e não necessariamente a resposta a essas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para MERKLEN, DENIS(2016), as classes populares foram pensadas inicialmente referenciadas ao trabalho manual, a figura do proletário ou camponês que transformava a matéria bruta, ocupa um lugar central na definição clássica do que é popular. Não é difícil perceber, que por conseguinte, tais classes sempre estiveram distanciadas da palavra escrita. A palavra escrita pertence – e de algum modo ainda pertence – as classes dominantes, afinal as obrigações servis afastavam os proletários, camponeses ou assalariados das formas letradas de cultura. O letrado, assim, no imaginário das classes populares é antes um “burguês” do que um “proletário”.

Para LEFEVBRE, HENRI(1969) enquanto a burguesia mercantil demolia a cidade, os intelectuais e o Estado a modelaram em favor das classes mais abastadas, deixando as classes subalternas o espaço da segregação. Parece ilógico pensar que esse processo segregatório não vá conceder razões – sem que aqui se discuta correição dessas ações – a tais revoltas populares.

A análise dessa realidade específica visa de algum modo compreender como a formação das cidades e a formatação dessas cidades constrói inimigos não só pertencentes a elites econômicas e/ou aristocráticas mas também dentro do Estado, afinal este, para aqueles é também um braço da dominação historicamente exercida por tais elites.

Ao colocar a biblioteca no bairro, se transforma o espaço. Há que se proceder demolições, áreas de lazer deixam de ser o que eram, e o espaço pertencimento passa a ser o espaço do letramento. A distância entre o que “era” e o que agora “é”, gera revolta. Os bairros populares ao terem equipamentos de consumo coletivos geram um conflito com um outro que não o mercado, o outro é o Estado(MERKLEN, DENIS, 2016).

Com isto, o bibliotecário e o presidente da república representam a mesma casta, são o mesmo para quem se vê alijado do que o estado oferece, aqueles são a representação daquilo que estes não são. Mas isso não implica de modo algum que os habitantes das comunidades periféricas não estabeleçam sua própria cultura, sua própria forma de descrever suas realidades, fugindo como podem da cultura institucionalizada.

4. CONCLUSÕES

Nas conclusões o autor deve apresentar objetivamente qual a inovação obtida com o trabalho, evitando apresentar resultados neste espaço.

Sem a construção coletiva das cidades – e talvez ainda com ela- sempre haverá manifestações qualificadas pelos órgãos oficiais como violentas, alguns dos entrevistados por MERKLEN, DENIS(2016) aludiram ao fato de morarem onde agora está situada uma das bibliotecas atacadas, em um conjunto habitacional demolido, outros alegaram que seria muito mais importante para os moradores um ponto de ônibus que os levasse aos seus empregos, um posto de saúde também foi citado, o projeto do Estado não dialoga com as vontades de quem reside no espaço.

A necessidade de olhar para uma realidade distante como a francesa é a correlação direta com a idéia de formação de cidades que está impregnada no sistema político vigente no ocidente. As mazelas de lá, explicam de algum modo as daqui, e as certezas históricas dos campos progressistas estão em cheque nessas realidades, e é o conjunto daqueles que formam a sociedade e suas ações no campo do real que dão os caminhos emancipatórios das classes populares.

Gritam a necessidade de serem ouvidas, e isso acontece em quase todos os cantos do mundo, a França incendiária é também um eco de projetos políticos e sociais que devem ser entendidos e vistos na realidade ainda subalterna da América Latina. A voz que provém do fogo é no mais das vezes invisibilizada pela ação institucional em suas mais diversas matizes, e encontra eco – ainda que restrito – nos quinhentos exemplares de memória lançados pelo uruguaio Denis MERKLEN, DENIS(2016), ainda que outros atores tenham servido de substrato para a construção deste trabalho, o que o autor propõe é raro e rico, e deve ser analisado por mais pesquisadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Vozes: Rio de Janeiro, 2012.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LEFEBVRE, H. **Direito a cidade**. São Paulo: Editora Documentos Ltda, 1969.

MERKLEN, D. **Bibliotecas en llamas: Cuando las clases populares cuestionam la sociologia y la política**. 1ªEd. Los Polvorines: Sarmiento, 2016.